

**OS ESTABELECIDOS E OS RECÉM-CHEGADOS: A GERAÇÃO RAIMUNDO
CELA NO CAMPO DAS ARTES PLÁSTICAS DO CEARÁ**

Anderson de Sousa Silva

Doutorando em História (UFPE) / Bolsista Capes

andersonsousa87@gmail.com

A CRIAÇÃO DA CASA RAIMUNDO CELA

OS CONTEMPORÂNEOS

Os artistas contemporâneos cearenses tiveram como primeiro pólo catalisador o CENTRO DE ARTES VISUAIS CASA RAIMUNDO CELA, órgão oficial criado em 1967, pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, cuja primeira sede localizava-se na avenida Monsenhor Tabosa, local hoje ocupado pelo CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA. O CENTRO DE ARTES VISUAIS CASA RAIMUNDO CELA visava a dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela antiga SCAP, patrocinando cursos, realizando palestras, oficinas etc, para formar uma nova geração de artistas plásticos. O CENTRO DE ARTES VISUAIS CASA RAIMUNDO CELA teve como principal agente dinamizadora a artista plástica HELOÍSA JUAÇABA e contava com os artistas iniciantes DESCARTES GADELHA, GILBERTO CARDOSO, JOAQUIM EVANGELISTA DE SOUSA, KLEBER VENTURA, MARISA VIANA, MARCUS JUSSIER, ROBERTO GALVÃO E SERGEI DE CASTRO, dentro outros. Com a perda através dos anos do poder agregador desse CENTRO, surgiram algumas tentativas de formação de grupos de artistas plásticos em Fortaleza, como o FRATURA EXPOSTA, GRUPO INTERFERÊNCIA, GRUPO ARANNHA, OFICINA DE GRAVURA E PAPEL ARTESANAL DA UFC, todos visando à formação de artistas ao desenvolvimento da Artes Plásticas do Ceará. (MONTEZUMA, 2003, p.110)

Figura 1 - Palácio da Luz no início dos anos 1960 (2º sede da Casa Raimundo Cela)



Fonte: Foto da Aba Film - Arquivo Nirez

O trecho acima é um verbete do livro *Dicionário de Artes Plásticas do Ceará*, cuja autoria é de Luciano Montezuma. O interessante é que após as páginas com os verbetes dos artistas plásticos cearenses, encontram-se informações resumidas de dois espaços voltados para um movimento artístico organizado no Ceará: a SCAP e o Centro de Artes Visuais Casa Raimundo Cela, cada qual marcando um tempo e uma fase distinta na história das artes plásticas do Ceará. O título *Os contemporâneos*, do verbete sobre a Casa Raimundo Cela, chamou nossa atenção, pois demarca a construção de uma identidade para a instituição: a de ser um espaço voltado para a formação de uma nova geração de artistas plásticos, algo que indica o surgimento de novos valores artísticos. Abordamos a respeito da relação entre a Casa Raimundo Cela e seu Salão de arte com as novas tendências estéticas no terceiro tópico do capítulo seguinte.

Já a imagem, abaixo da transcrição do texto, trata-se do antigo Palácio da Luz – na Praça General Tiburcio, mais conhecida como Praça dos Leões (Centro de Fortaleza) - onde funcionou a antiga sede do Governo do Estado do Ceará e, em meados dos anos 1970, sediou a Casa Raimundo Cela. Contudo, nos dias atuais, abriga à Academia Cearense de Letras (ACL). Em seus anos iniciais, a Raimundo Cela localizava-se de frente para a Praça do Cristo Redentor – também situada no Centro de Fortaleza – onde atualmente funcionam o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e a Biblioteca Pública Menzes Pimentel.

A artista Heloísa Juaçaba foi nomeada para ficar a frente do setor de Artes Plásticas, do Conselho de Cultura do Ceará, criado no ano de 1966. Um dos resultados do seu trabalho como conselheira de cultura foi a criação, no ano de 1967, do Centro de Artes Visuais Casa Raimundo Cela, sob a lei nº 8.577, de 30 de setembro de 1966 (OLIVEIRA, 2015, p.91). A instituição foi inaugurada com uma exposição individual do artista já consagrado Clidenor Capibaribe, o Barrica (BARBALHO, 1997, p.168)

O Centro de Artes Visuais, hoje Casa de Cultura Raimundo Cela, foi fundada com a intenção de haver um espaço para todas as manifestações artísticas que trafegam e no momento transcendem o que se convencionou chamar Artes Plásticas. Contamos com grandes colaboradores, como nosso amigo baiano (meu e de Haroldo) Clarival do Prado Valadares, médico, escritor, poeta, historiador e crítico de arte, que elaborou a programação inicial da casa. Essa programação enfatizava a realização de cursos para jovens iniciantes no aprendizado da arte, palestras realizadas por artistas e críticos de arte, vindos de outros estados, e exposições. Alguns dos artistas e críticos de arte que aceitaram o convite do Prof. Raimundo Girão, Secretário de Cultura, foram: Clarival do Prado Valadares, José Roberto Teixeira Leite, Jacob Klintowitz, Walter Zanine, Roberto Pontual, Frederico de Moraes, Olívio Tavares de Araújo, três vezes, Valmir Ayala, Goebel Weyne (...). Desta maneira a Casa Raimundo Cela ajudou os artistas que tentavam a busca de suas identidades profissionais. A comercialização da obra de arte nesse período coincidiu com grandes transformações sociais e culturais que ocorriam em nosso país e no mundo (...). Nosso objetivo era esclarecer as pessoas e organizar exposições para que elas vissem que estava surgindo no Ceará uma nova geração de artistas, capazes de construir uma arte comprometida, e até mesmo ousada no seu tempo. (...) A Casa Raimundo Cela realizou nove “Salão de Artes Plásticas”, e vale recordar que o primeiro Salão realizado no Colégio Militar de Fortaleza foi feito um catálogo especial, em homenagem ao Antônio Bandeira (RIBEIRO, 2012, p.39-40).

De acordo com o depoimento de Heloísa Juaçaba – concedido em entrevista a Solon Ribeiro¹, a criação de um Centro de Artes Visuais (a Casa Raimundo Cela), fez parte de um investimento da Secretaria de Cultura do Ceará para ampliar os espaços para

¹ É artista, curador e professor, graduado em arte e comunicação com especialização em fotografia pela L'École Supérieure des Arts Decoratifs, Paris, em 1991. Atua na investigação de cruzamentos entre a fotografia, o cinema, a cenografia, a instalação e a performance. Através da recontextualização de imagens e fotogramas cinematográficos oriundos de montagens narrativas, o artista problematiza o estatuto do arquivo a fim de desmontar sua relação íntima com o passado. Com o intuito de liberar a imagem a novas formas e significações, procura explorar seus aspectos mágicos e metafísicos. É autor dos livros *Lambe-Lambe: Pequena história da fotografia popular*, *Fotografia Contemporânea: Linguagem e Pensamento* e *Perdeu a Memória e Matou o cinema*. Participou de mostras coletivas no Itaú Cultural, São Paulo (2011); no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2011); no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2007 e 2000); e apresentou individualmente Quando o cinema se desfaz em fotograma, FUNARTE, Rio de Janeiro (2009). Vive e trabalha em Fortaleza. Consultado em: <http://site.videobrasil.org.br/acervo/artistas/artista/1778070>.

as manifestações artísticas do estado. Fazia parte do programa da instituição a vinda de artistas e críticos de arte de outros polos do país. O crítico de arte Clarival do Prado Valadares elaborou, junto a Heloísa Juaçaba, o Plano Diretor² da instituição, que previa a realização de cursos, conferências e exposições, dentre as quais um Salão Nacional de Arte. É notório o desejo de Heloísa em dar visibilidade à produção de uma nova geração de artistas, surgida nesse período, e propiciar a estes o contato com o que se pensava e se fazia sobre arte no Brasil.

A GERAÇÃO RAIMUNDO CELA

Nós éramos um grupo. Se não possuíamos uma unidade técnica e ideológica, tínhamos de sobra uma unidade de sonhos e de caminhos por palmilhar. Dentre nós, o mais compenetrado era o Félix. Sergei era o de maior habilidade técnica e, sem dúvida, Kleber era o mais criativo e irreverente.³

O dia 04 de julho de 2018 foi a data acordada para a realização de uma entrevista com o artista Kleber Ventura. Houve um imprevisto e Kleber chegou um pouco atrasado e não foi possível a realização da entrevista naquele dia. Contudo, o artista emprestou-nos um vasto material de impressos: currículo, depoimentos de artistas e intelectuais sobre sua trajetória; lista das exposições em que participou (individuais e coletivas); relação das mostras em que foi premiado e recortes de jornais variados sobre exposições de artes plásticas.

Lendo o material de Kleber Ventura, deparamo-nos com o depoimento de alguns artistas, entre estes o de Roberto Galvão, cujo trecho inicia este tópico. Nos chamou a atenção por fazer menção a Kleber como integrante de um grupo. Este grupo poderia não ter semelhanças em seus modos de fazer arte, mas, como Roberto Galvão mesmo frisou, compartilharam suas trajetórias e horizontes de expectativas⁴também. A partir do compartilhamento de experiências de um tempo vivido em comum, formaram uma nova

² Informação encontrada num documento, em homenagem ao artista Raimundo Cella, do Museu Nacional de Belas Artes. Neste documento contém textos sobre a trajetória do artista e um texto sobre a Casa Raimundo Cella, cujo nome homenageia o supracitado artista. O texto sobre a “Casa”, escrito por Heloísa Juaçaba, informa sobre o Plano Diretor da instituição.

³ Depoimento (impresso) de Roberto Galvão, encontrado nos arquivos do artista Kleber Ventura.

⁴ Reinhart Koselleck trata do horizonte de expectativa como a presença do futuro no presente. Nosso presente é atravessado por múltiplas temporalidades (KOSELLECK, 2006, p.309-314). Um grupo de artistas, que compartilharam um tempo em comum, possivelmente também dividiram esperanças e expectativas.

geração de artistas e tiveram suas trajetórias entrecruzadas. O depoimento de Galvão, encontrado nos arquivos de Kleber Ventura, não está datado. Todavia, percebemos que o seu objetivo era falar do retorno do supracitado artista às exposições da cidade. Por isso, acreditamos que essa consciência geracional tenha sido construída ao longo dos anos, fazendo parte, no tempo presente, das memórias afetivas desses sujeitos.

A formação deste grupo começou antes mesmo da criação da Casa Raimundo Cela. Na entrevista concedida por Roberto Galvão, este menciona que conheceu Kleber Ventura, Tarcísio Félix, entre outros, em uma exposição de arte estudantil, organizada por Ilma Montenegro, que se tornara, posteriormente, a primeira diretora da Raimundo Cela.

(...) bom, eu participei em...nem sei em que ano foi, acho que foi em 64, de uma exposição de arte estudantil, que foi...era organizada por Ilma Montenegro. Meu primeiro contato com a Ilma Montenegro, ela era da Secretaria de Educação, ou do município ou do estado, e ela fez um Salão estudantil. (...) E foi nesse Salão que conheci Kleber Ventura, Joaquim Souza, Félix, basicamente esses, porque tinha outros, mas perderam-se nos cursos da vida [risos] (Roberto Galvão, 2017)

Bem-humorado, Roberto Galvão narrou seus primeiros passos como artista. Em uma mostra de estudantes conheceu outros artistas, também iniciantes, e que percorreram um caminho parecido com o seu. Buscamos mais informações a respeito do Salão estudantil, em 1964, e não encontramos. Contudo, no material cedido por Kleber Ventura, tem uma lista das exposições coletivas em que ele participou. Vimos que no ano de 1966 Kleber expôs na *I Exposição de Estudantes Secundaristas do Ceará*, organizada por Ilma Montenegro, então professora da Secretaria de Educação do Ceará e, possivelmente, Roberto Galvão tenha se referido a esta mostra em seu depoimento. A partir dessas experiências, estes jovens artistas se constituíram enquanto grupo e marcaram o início da trajetória da Casa Raimundo Cela, no campo das artes plásticas do Ceará. Kleber Ventura, em seu currículo, se apresenta como um dos fundadores da instituição.

A fala em nome de um grupo é outro elemento a ser ponderado no relato de Roberto Galvão. Afinal, trabalhar com depoimentos orais trata-se de evocar memórias e lembranças, ora pessoais e ora coletivas. No movimento de revisitar suas lembranças, os

sujeitos geralmente mesclam as suas histórias individuais com as histórias coletivas. É o uso da memória como construção de um sentimento de pertencimento, de uma memória expandida, que não é apenas individual, mas também de um grupo/geração. (HALBWACHS, 2003, p.29-30)

Fazendo uso do conceito de *geração* como instrumento de análise, percebemos que os seus novos usos e interpretações, no campo historiográfico, têm ajudado na compreensão dos processos geracionais. O sociólogo Karl Mannheim, frisa que o problema das gerações “é um dos guias indispensáveis à compreensão da estrutura dos movimentos sociais e intelectuais” (MANNHEIM, 1982, p.71). O autor, porém, aponta alguns problemas com relação às gerações. Em primeiro lugar, é importante levar em consideração que nem sempre uma geração tem consciência de sua unidade, sendo que os vínculos existentes não resultam, necessariamente, na formação de um grupo com objetivos específicos claros. Nesse sentido, convém identificar as interações sociais e a participação comum em um dado processo histórico, no âmbito de uma geração – não, necessariamente, compreendida pelo critério de idade biológica – mas por sujeitos que pertenceram a um mesmo grupo social e compartilharam de experiências similares, manifestando, a partir disso, suas tomadas de posições.

O artista Tarcísio Félix também teve uma atuação relevante no início das atividades da Casa Raimundo Cela. Félix, juntamente com outros artistas iniciantes, abriu um ateliê com o objetivo de reunir o grupo para além de produzirem, debaterem sobre arte. Heloísa Juaçaba frequentou algumas reuniões e, em seguida, fez um convite para Tarcísio Félix e os demais:

(...) a dona Heloísa manda me chamar, que ela já tinha... o prédio já tava alugado, mas não tinha ninguém lá dentro, né? Aí ela foi lá em casa, aí disse: Vocês não querem ir? Eu disse: vamos. “Porque lá tem mais espaço pra vocês”. Realmente a garagem era muito pequena, não dava pra expandir nada, né? Aí eu fui... aí levei todo mundo comigo. Esses artistas, todos jovens artistas, e aí começou né? Aí foi... foi juntando artistas, a Adísia Sá fazia várias reportagens no jornal que ela trabalhava, sobre a gente, que ela era amiga da dona Ilma. (...) Fez muita reportagem no jornal, acho que era o Gazeta de Notícias, se não me engano. Funcionava ali pertinho da... é... no quartel general, num daqueles quarteirões antes do quartel general, era ali que funcionava. E tudo que eu queria, a dona Ilma falava com ela, a gente ia e dava certo. Aí mudou-se todo mundo pra Raimundo Cela, aí começou a aparecer artista, né? Aí dona Heloísa disse: Félix, é melhor você fazer umas fixa, pra todo mundo trazer o retratinho, pra gente contar quantos artista tem. (...) Aí começou a vim... aí cê sabe que quando tem um lugar de artista, num tinha como, era... era fácil, porque de

boca em boca a pessoa ia sabendo. Aí o Joaquim soube, o Joaquim era funcionário do IPEC, o Joaquim soube, apareceu lá, fez a fixa, o Sergei trabalhava numa agência de transporte de caminhão, foi, fez a fica dele. Roberto Galvão soube, fez a fixa dele. E aí começou, começou, começou. Rapaz, eu sei que no fim desse mesmo ano tinha mais de cinquenta fixas de artistas. A frente todas as informações [sonorização de leitura rápida], CPF, num sei o que lá, e atrás o currículo. (Tarcísio Félix, 2017)

O depoimento de Tarcísio Félix diz respeito a criação do Centro de Artes Visuais Casa Raimundo Cela. Segundo seus relatos, alguns artistas jovens se reuniam num ateliê localizado na então Vila Ribeiro, nas proximidades do Centro da cidade. O projeto de criação de um centro de arte já estava em andamento quando Heloísa Juaçaba passou a frequentar as reuniões do ateliê. Assim que o projeto foi concretizado, Félix e os demais artistas foram convidados a frequentar o novo espaço devido sua melhor estrutura. Esse movimento atraiu a atenção de outros artistas iniciantes que passaram a frequentar a Casa Raimundo Cela, entre estes Joaquim de Sousa, Sergei de Castro e Roberto Galvão. Cada um deles ganhou uma ficha, o que indica uma espécie de controle e formalização da participação desses artistas nas atividades da Casa.

Percebemos, através das lembranças de Félix, que a criação da Raimundo Cela não significou somente a existência de um lugar mais apropriado para os encontros entre os artistas. Outras questões estiveram envolvidas, inclusive a oportunidade de uma maior visibilidade. No momento em que o artista mencionou as reportagens de jornais sobre eles, ou seja, sobre a instituição, é notório a consciência do potencial de projeção propiciado pela imprensa. Nesse sentido, a Casa Raimundo Cela não foi vista e experienciada apenas como espaço de encontros e de exposições, mas também como lugar que conferiu capital simbólico aos artistas.

Todas as obras eram vendidas pela dona Heloísa, as senhoras da Aldeota, todo mundo ia e eu ficava ao lado dela com o papel, né, e ela dizia: Félix, Deise Machado, a esposa do ex-ministro, vá aqui com o Félix, que é esse daqui, ele é quem vai anotar seu telefone pra você mandar pagar a ele, com dinheiro ela num queria nem tocar. (...) Era ela quem pagava a todos os artistas, integral, a Raimundo Cela num tirava um tostão, nem pra luz, nem pra nada. Ela dizia: não, isso aqui é pra ajudar os artistas jovens que são pobres, Félix, se a Raimundo Cela for cobrar uma porcentagem, como a Inês Fiuza, porque a Inês é uma galeria comercial, é diferente, mas aqui não, o governo financia tudo, então eu não admito que haja isso. Então o dinheiro era totalmente do artista. O Francisquinho era pago pela Secretaria de Cultura, eu era pago pela

Secretaria de Cultura, ela também e a dona Ilma já era lotada lá, mas era do Estado, a dona Ilma. (Tarcísio Félix, 2017)

A Casa Raimundo Cela, além de expor os trabalhos dos artistas, também promovia a venda das suas obras. O interessante é que o movimento de venda/compra acontecia de maneira mais informal/pessoal. Heloísa Juaçaba tinha relações próximas com as mulheres do bairro Aldeota (localização onde residiam e ainda residem pessoas com alto poder aquisitivo da cidade) e as convidavam não somente para ver as exposições da Raimundo Cela, mas também para adquirir/comprar os trabalhos dos artistas. Desse modo, tal prática conferiu aos artistas uma relativa legitimação no campo da arte, pois seus trabalhos passaram a compor acervos de coleções particulares.

Dialogando com a Sociologia da Arte, percebemos a importância de se destacar a presença das instâncias de mediação relacionadas a autonomia do campo artístico, pois “quanto mais uma manifestação necessite de instâncias de mediação, instituições, agentes, posições, mais ela tende a acentuar o nível da sua autonomia com relação a outras esferas sociais” (OLIVEIRA, 2015, p.64). Apesar do aspecto da informalidade, a mediação entre as obras dos artistas e seus compradores também foi estabelecida de forma institucional, pois estes compradores (em potencial) eram convidados a frequentar as mostras de um centro de artes vinculado ao governo estadual. Todavia, não podemos diminuir a importância da mediação de Heloísa Juaçaba nesse processo, talvez sendo até mais decisiva, pois sua presença como uma das pessoas que estava a frente da instituição atraiu visitantes da elite econômica cearense. Por isso, essa dinâmica das instâncias de mediação configurou o funcionamento de uma economia de bens culturais por sujeitos que não eram criadores das obras em si, mas que, de certo modo, também as fabricaram ao atribuí-las valores (OLIVEIRA, 2015, p.64). Outro artista entrevistado relatou o impulsionamento da comercialização das obras, através das exposições da Raimundo Cela, como um marco importante na história das artes plásticas do Ceará:

(...) é o seguinte: o pessoal da Raimundo Cela, os artistas jovens, tinham uma intenção profissional, os scapianos não tinham, eles eram pautados, basicamente, pelo fazer artístico, não havia mercado. Mas a Heloísa, ela começou a trabalhar e trabalhou de uma maneira eficaz mesmo, pressionava as pessoas a adquirir as obras de arte. E ela levava pessoas da sociedade, pessoas de dinheiro e as pessoas compravam quadros. Então, isso é um divisor de águas nas artes do Ceará, não é? Aqui não havia mercado e começa a ter um mercado

insipiente, mas se começou a vender obras de artistas locais, né? E... é, eu acho que foi o Estrigas, não sei, ele, numa atitude crítica dessa postura, porque os artistas dessa geração eles queriam vender quadros, eles queriam ser artistas e sobreviver da arte deles, e aí o Estrigas numa briga, ou numa coisa lá, ele disse que essa geração Raimundo Cella é uma geração dourada. (...) É... essa... era um pouco de ironia, porque a gente queria vender os quadros, a gente trabalhava, se fazia muitas coisas, por exemplo, se passou a fazer, não sei como poderia classificar, mas mutirões, ou intervenções, a gente fazia o seguinte: a gente... é... combinava com uma senhora da sociedade pra ela convidar uma série de amigos, na casa dela, digamos, quinta de noite, e aí ia um bando de artista com quadro pra... pra... né? Quer dizer era uma ação de marketing agressiva, né? Agressiva. E dava um bom resultado. (Roberto Galvão, 2017)

Roberto Galvão aponta elementos semelhantes aos de Tarcísio Félix, ao falar sobre a comercialização dos trabalhos na Raimundo Cella. Contudo, Galvão enfatiza uma questão relevante que os diferenciava enquanto grupo e geração específica: o interesse pela profissionalização. Segundo seus relatos, os scapianos (os artistas que fizeram parte da extinta SCAP⁵ entre os anos 1940 e 1950) não tinham intenção profissional, se concentravam na produção artística, mas não na formação de um mercado de arte. Os artistas recém-chegados, em especial os da Geração Raimundo Cella, se movimentaram tanto para o fazer artístico quanto para a comercialização dos seus trabalhos. Sinalizaram, com isso, um aspecto que os distinguiu dos grupos já estabelecidos. Em depoimento, Heloísa Juaçaba diz:

Posso destacar duas das finalidades que julgo das mais importantes. A primeira será a de, oferecendo condições e ambiente propício, dar ao artista jovem possibilidades de expressar na pintura, na escultura, na gravura e nas outras formas de expressão plástica, o seu talento criador. Uma outra finalidade e não menos importante será a de colocar o povo em maior contato com uma das mais nobres maneiras de transmitir beleza e cultura com a exposição em sua Pinacoteca, de quadros de autores contemporâneos ou não, e com a Galeria permanente, estarão exibidas para visitação e venda, obras dos pintores, escultores, desenhistas e gravadores da terra⁶.

Identificamos três elementos norteadores no relato de Heloísa Juaçaba: fomento à

⁵ Sociedade Cearense de Artes Plásticas. A SCAP, dentre outras atividades, foi a responsável pela realização do Salão de Abril entre os anos de 1944 e 1958.

⁶ Trecho de um depoimento, concedido por Heloísa Juaçaba, sobre o início das atividades da Casa Raimundo Cella. O entrevistador não se identifica. A entrevista completa está impressa e localizada nas pastas dos arquivos, sobre Heloísa Juaçaba e a Casa Raimundo Cella, pertencentes à Ana Virgínia Juaçaba, filha de Heloísa. A entrevista não está datada.

produção de jovens artistas, formação de público e formação de um mercado de arte. Devemos levar em consideração que a criação da Raimundo Cella foi fruto de uma política pública de cultura. Nesse sentido, um público consumidor e apreciador de arte era necessário para manter o funcionamento do espaço e “justificar” o incentivo à produção/trajetória dos jovens artistas.

Entretanto, cabe abrir um espaço para situar a questão da profissionalização dos artistas. O Ceará não estava isolado nesse processo, pois outros polos também apresentavam iniciativas com o mesmo objetivo. Podemos mencionar, como exemplo, a movimentação que houve em Pernambuco, também no final dos anos 1960, acerca da criação de mecanismos em prol da profissionalização dos artistas plásticos. As discussões entre diferentes artistas, em boa parte ligados a espaços coletivos, como a Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932), Sociedade de Arte Moderna do Recife (1948) e o Movimento da Ribeira em Olinda (1964), resultou na criação, no ano de 1968, da Associação de Artistas Plásticos Profissionais de Pernambuco, também conhecida pela sigla AAPE (NETO, 2016, p.38-42).

Apesar de no Ceará não ter havido uma associação profissional com o mesmo formato da AAPE, notamos características similares, entre os dois estados, no processo de institucionalização das artes. O historiador José Bezerra de Brito Neto indica alguns eixos, analisados pela história e sociologia das artes brasileiras, como sendo de considerável relevância para o movimento de profissionalização do artista plástico de Pernambuco: a formação de um mercado de arte nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro desde a década de 1940; as trajetórias dos artistas e suas redes de sociabilidades; a criação de museus de arte, galerias e demais espaços ao longo das décadas de 1950/60; assim como a cobrança por mais auxílios, por parte do governo do estado de Pernambuco e das prefeituras, na realização de exposições/salões e cursos de formação sobre artes em geral (NETO, 2016, p.40-41;48). O Campo da arte no Ceará, entre os anos de 1950/60, também desenvolveu uma dinâmica similar, especialmente as ressonâncias com o circuito de arte do eixo Rio-São Paulo, assim como a criação de museus e espaços de exposições e formação, como foi o caso da criação da própria Casa Raimundo Cella.

Por conseguinte, as categorias *estabelecidos* e *recém-chegados* faz parte das

análises de Pierre Bourdieu, em sua obra *As Regras da arte*, sobre o funcionamento e a dinâmica das relações no interior da estrutura do campo. Para este trabalho, apropriamos das categorias supracitadas para pensar nos encontros e nos embates geracionais provocados pela chegada da Geração Raimundo Cella no campo das artes plásticas/visuais do Ceará. Estes encontros e tensões geracionais se desdobraram em disputas simbólicas: de um lado os artistas iniciantes que reivindicavam suas entradas no campo da arte; do outro lado, os consagrados que “lutavam” pela permanência de uma “ordem” e tradição estabelecidas.

Em suma, a busca pela profissionalização e pela inserção no mercado de arte pode ser entendido como um elemento delimitador de uma fronteira entre os grupos. Isso não quer dizer que os estabelecidos não se importassem com a questão do mercado, mas, se havia uma crítica, em relação ao empenho destinado à comercialização das obras por parte da Geração Raimundo Cella, isso significa que houve a construção de uma imagem que evidenciasse as distinções entre os dois grupos, no âmbito da estrutura do campo das artes plásticas/visuais.

BIBLIOGRAFIA

BARBALHO, Alexandre Almeida. *Relações entre Estado e Cultura no Brasil: A Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (1966 – 78)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro editora, 2003.

MANHEIM, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In: FORACCHI, M.M (Org), Manheim, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 25. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

MONTEZUMA, Luciano. *Dicionário de artes plásticas do Ceará*. Fortaleza: Centro Cultural Oboé, 2003.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

NETO, José Bezerra de Brito. Circuitos operacionais das artes: Memórias em torno da profissionalização dos artistas plásticos em Pernambuco nos anos 1960. In: SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História oral e arte: Narração e criatividade*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

OLIVEIRA, Gerciane Maria da Costa. *É ou não é um quadro Chico da Silva? Estratégias de autenticação e singularização no mercado de pintura em Fortaleza*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

RIBEIRO, Solon. Entrevista. In: SANTOS, Núbia Agostinha Carvalho (org). *O inventário de uma obra*. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012.